

## ***O Transtorno Bipolar na perspectiva da mídia: uma análise do Paraná no Ar<sup>1</sup>***

Bruna Martins OLIVEIRA<sup>2</sup>

Criselli Maria MONTIPÓ<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

**RESUMO:** Este *paper* descreve o resultado de parte de uma pesquisa sobre o telejornal Paraná no Ar, da Rede Independência de Comunicação e traz a análise de como a emissora realiza a cobertura jornalística da saúde mental, com foco no Transtorno Bipolar. Em uma metodologia primária, realizou-se um estudo de caso do telejornal com conteúdos veiculados entre julho de 2015 e julho de 2016. Para a metodologia complementar optou-se por um grupo focal com familiares e pessoas que possuem o transtorno sobre as experiências e impressões do telejornal estudado. Nas duas situações, descobriu-se que o transtorno bipolar ainda é invisível para a mídia e não tratado como sugerem as os manuais da cobertura especializada em saúde e objetivos da imprensa enquanto um caminho para a cidadania.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; televisão; Paraná no Ar; saúde mental e transtorno bipolar.

### **1 INTRODUÇÃO**

Os meios de comunicação têm um reflexo enorme na sociedade. Seja qual for o formato do veículo, a mídia está presente no dia a dia das pessoas, informando-as, alertando-as e dando recursos para a tomada de suas decisões. Sendo o jornalismo uma profissão ligada diretamente à responsabilidade social e a informação um direito humano, além de informar, a imprensa também tem como missão despertar para a cidadania. Estas premissas estão presentes no Código de Ética dos Jornalistas<sup>4</sup>, na Constituição Federal (1988)<sup>5</sup> e também são discutidas por teóricos do jornalismo.

A cobertura em saúde mental, especificamente sobre o Transtorno Bipolar do Humor Bipolar é o foco desta pesquisa, considerando a importância da mídia em abordar o tema de uma forma ética e esclarecedora. Para isso, a metodologia se divide em: análise de conteúdo do telejornal Paraná no Ar, veiculado pela Rede Independência

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 - Jornalismo do Intercom Júnior, no XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017. Este artigo é parte de uma pesquisa realizada originalmente como monografia de conclusão do curso de Jornalismo, que foi defendida em novembro de 2016 na PUCPR.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela PUCPR. E-mail: bru.martins26@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho, doutoranda em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail. criselli@gmail.com.

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_br/asileiros..pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_br/asileiros..pdf)> . Acesso em: 10 de março 2016.

<sup>5</sup> Os artigos 220º do capítulo V e o artigo 5º do capítulo I trazem essas discussões. A Constituição está disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em agosto de 2016.

de Comunicação (RICTV) e a realização de um grupo focal com familiares e pessoas com Transtorno Bipolar. Este trabalho parte de inquietações acadêmicas e também de uma preocupação humana com a função social do jornalista com as pessoas e com a sociedade.

Com base nisso, os objetivos gerais desta pesquisa são conceituar o transtorno bipolar e verificar como a mídia se apropria disto. Já os específicos focam em avaliar quais as consequências desta cobertura jornalística sobre o imaginário social, além dos reflexos na questão ética do jornalismo.

### **O jornalismo como base para a cidadania**

A ideia de que o exercício do jornalismo tem como uma das missões despertar a cidadania por meio da informação é unânime para autores como Gentilli (2005) e Christofolletti (2008). Eles, entre outros, concordam que os veículos de comunicação precisam abordar assuntos diversos, de utilidade pública e humana, que conscientizem e abram a pautas que norteiam os direitos humanos, a o direito à informação.

Milhões de pessoas no mundo inteiro sofrem com o Transtorno Bipolar do Humor, também conhecido como Transtorno Afetivo Bipolar sendo que no Brasil, o número de diagnósticos chega a 4%, segundo a Associação Brasileira de Transtornos Afetivos (Abrata)<sup>6</sup>. Os dados da Abrata ainda revelam em algum momento da vida mais de 20% da população está sujeira a desenvolver transtornos de humor. Estimativas do Ministério da Saúde<sup>7</sup> revelam que dessa porcentagem pelo menos 5% dos brasileiros possuem a doença.

Os números reforçam a importância dos veículos de comunicação em falar sobre o assunto. É importante considerar ainda que estes percentuais podem variar com base em fatores como a busca por um médico, o acesso ao tratamento adequado e outras complexidades relacionadas ao cenário da saúde e ao nível de conscientização das pessoas sobre o Transtorno Bipolar.

O acesso a informação é entendido como um direito humano, tanto pela Declaração Univeral dos Direitos Humanos (1948) como pela Constituição Federal (1988). Neste sentido, Kucinski (2000) reforça que a atividade jornalística é um dos principais recursos de apoio à construção da democracia, e conseqüentemente, na

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.abrata.org.br/new/arquivosfolder/OS2349-ManualPacienteAbrata3BIPOLAR12-05-11.pdf>. Acesso em 15 abril de 2016.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://u.saude.gov.br/images/pdf/2014/dezembro/18/consulta-publica-sas-ms-24-2014-trans-afetivo-bipolar.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2016.

conquista da promoção da cidadania e dos direitos, por se tratar de uma profissão em que se: “constitui uma relação social densa e demarcada, um modo específico de buscar e narrar a informação, um tipo de saber, uma práxis que inclui a construção da personalidade pública do jornalista e um ethos jornalístico”. (KUCINSKI, 2000, p.2).

Com a oscilação constante do mercado jornalístico, uma série de fatores podem interferir na produção e veiculação do que é considerado notícia. Thompson (2001) defende que esses fatores independem do jornalista, que fica condicionado às condições de trabalho cada vez mais precárias, o que contribui para a reprodução de informações desencontradas.

Na cobertura jornalística especializada em saúde, por exemplo, outros desafios surgem como o acesso a especialistas e a decodificação de dados de forma que a informação não seja distorcida. Além da cidadania, outra vertente que surge quando se aborda este tipo de cobertura especificamente é o jornalismo especializado em saúde que será abordado a seguir.

### **A cobertura especializada em saúde e o caso do transtorno bipolar**

No contexto do jornalismo científico e do jornalismo voltado às coberturas relacionadas à saúde há discussões intermináveis. Assim como a evolução do jornalismo especializado, o jornalismo científico vem ganhando aos poucos uma atenção maior no Brasil, porém, isso acontece de forma gradativa. Há quase 22 anos, a Organização Pan-Americana de Saúde reconhece a necessidade de se divulgar os temas ligados à saúde nos veículos de comunicação, no entanto, mesmo com essas evoluções, ainda existe um longo caminho.

Autores como Tabakman (2013) defendem a necessidade da cobertura da mídia em temas de saúde. Tanto a imprensa como a medicina são áreas de grande influência na vida das pessoas e podem ser complementares no acesso à informação.

No entanto, o fato dos médicos dominarem as informações técnicas e dos jornalistas sentirem a necessidade de passar essas informações em uma linguagem mais coloquial ainda gera discussões, uma vez que tornar a informação coloquial de modo que a superficialidade e os equívocos não interfiram na abordagem de um tema requer que os jornalistas busquem as melhores técnicas de apuração e isso inclui a parceria com profissionais e entidades de saúde.

---

No Brasil, o Manual Para a Imprensa, elaborado pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) de 2009 é um guia que de forma muito didática se propõe a auxiliar os veículos de comunicação a como falar de assuntos incorporados na saúde mental. Na visão da ABP, tratar de saúde mental tem grande relevância e a organização preparou o guia a fim de contribuir e incentivar a produção jornalística sobre o tema de forma responsável.

Pensar na definição do Transtorno Bipolar em termos de psiquiatria é complexo. O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais/DMS- 5 (2013, com revisão em 2014) define o Transtorno de Humor Bipolar em subtipos: I e II. O tipo I é considerado quando o paciente apresentou, além das crises de depressão, alguma crise “maníaca” (euforia e, em alguns casos com sintomas psicóticos). O II é destinado ao paciente que somente apresentou quadro depressivo e uma euforia leve (hipomania), sem nunca ter chegado ao ápice.

O mesmo manual ainda sugere 25 variações de diagnósticos relacionadas ao transtorno bipolar, considerando outras conotações como: Transtorno Ciclotímico (associado a sintomas de ansiedade); Transtorno Bipolar e Transtorno Induzido por Substância e Medicamento, Transtorno Bipolar e Transtorno Relacionado a Outra Condição Médica e Transtorno Bipolar Não Especificado.

O próprio guia de cobertura jornalística em saúde mental desenvolvido pela ABP em 2009, também compartilha dessa visão de que a bipolaridade é definida pela ocorrência de episódios depressivos na vida de uma pessoa (que ultrapassem uma tristeza momentânea ou um período de luto) com episódios de grande euforia (chamados de mania) e de euforias leves (hipomania).

Se para os próprios especialistas, há uma série de particularidades para entender e tratar de cada caso, a missão de divulgar informações ligadas ao transtorno em um telejornal também não é uma tarefa simples e por isso há a questão do cuidado e precisão na abordagem jornalística para evitar generalizações. Com o objetivo de entender como a cobertura sobre o tema é feita no Paraná, escolheu-se como objeto de análise o Paraná no Ar.

## Televisão: o tradicionalismo o imaginário social

Do suicídio do personagem Ajax, em a *Íliada* de Homero a relatos como *Uma Mente Inquieta*, de Kay Redfield Jamison e *O Demônio do Meio Dia*, de Andrew Solomon ou filmes como *Mr. Jones*, de Mike Figgis (1993) e *O Lado Bom da Vida*, de David Russell (2013), a saúde mental é um tema que intriga as pessoas.

As referências acima são potencializadas em meios de comunicação como a TV. Joly (2003) aborda o quanto as características da televisão refletem no conteúdo e na percepção, Machado(2001) traz a estrutura do telejornal neste contexto. A forma como as pessoas entendem a mensagem é ligada ao imaginário social, conceito discutido por Maffesoli (2007).

Há 66 anos, a TV chegou no Brasil. Para Bucci e Kehl (2004), este meio é fundamental na formação da identidade nacional brasileira. Mesmo em meio a outras mídias, a TV é um dos meios mais abrangentes no país não como revela o *Percentual de Domicílios com Existência de Alguns Bens Duráveis*, divulgado pelo Censo Demográfico de 2010 do IBGE. Segundo o órgão, 95,1% das residências brasileiras conta com a televisão como o principal bem durável encontrado. A mesma pesquisa revela que entre os meios que proporcionam o acesso à informação, este é o mais abrangente de norte a sul<sup>8</sup>.

Essa ideia também é reforçada pela Pesquisa Brasileira de Mídia: Hábitos de Consumo de Mídia Pela População Brasileira, divulgada em 2016 pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República<sup>9</sup>. O estudo aponta que a televisão ainda é o meio de comunicação predominante, considerando de 15 mil e cinquenta pessoas ouvidas, mais de 50% afirmou ver TV, sendo que para 77%, o consumo das informações por este veículo é diário. Em 2015, a mesma pesquisa revela que a TV também foi o meio de comunicação que liderou a preferência dos brasileiros.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup>Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>. Acesso em 07 de agosto de 2016.

<sup>9</sup> 63% dos brasileiros afirmaram que preferem a TV para se informar sobre o que acontece no país enquanto 89% dos entrevistados opta pelo veículo para encontrar notícias internacionais e nacionais. A pesquisa completa está Disponível em : <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>. Acesso em 18 de abril de 2017.

<sup>10</sup> Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>. Acesso em 07 de agosto de 2016.

Outro fator que justifica a escolha do meio para esta análise é que no Brasil, assim, a televisão é um meio que funciona por concessões públicas. Assim como outros serviços que operam por concessão pública, os meios de comunicação precisam cumprir um série de determinações. Uma delas é o incentivo a conteúdos informativos e que despertam a cidadania, que está prevista no parágrafo II do artigo 54º da Constituição Brasileira.

Diferente de outros veículos de comunicação, o meio audiovisual possui características que proporcionam uma proximidade maior com o receptor, tais como: imagem, som, jogo de câmeras, efeitos. Ao pensar no potencial da imagem, cabe a reflexão de como essa mídia ganha importância para a representação social ao longo da história.

Especialmente no telejornalismo, a questão do tempo e da predominância da imagem sobre o texto afeta o número de informações que chegam ao espectador. Joly (2003) acredita que a imagem está diretamente ligada à memória. Ao inserir a imagem no contexto audiovisual, a autora defende que a frequência, a repetição e a construção das imagens, em tempos em que as pessoas acessam a tudo com a simples “pressão do dedo sobre um botão” (JOLY, 2003, p.203) atuam diretamente na construção da memória e isso é muito comum na televisão, que costuma trabalhar com muitas representações simultâneas, sem levar em conta as referências isoladas.

Ou seja, a televisão, é: “uma caixa de ressonância do discurso social interiorizado, um observatório sociocultural dos nossos modos de pensar coletivos, uma máquina de estereótipos”. (JOLY, 2003, p.212). O imediatismo é o que na visão de Machado (2001) move o telejornal e o gênero jornalístico que é a união de vários fragmentos, que juntos fazem sentido.

Quando se fala em imaginário, é comum fazer-se uma associação à imaginação, ao idealizado e aos sonhos. No entanto, o imaginário não é um processo que se iguala a imaginação, por ser algo complexo e variável, baseado na subjetividade e na coletividade, de forma inconsciente ou não. Cada indivíduo tem suas preferências, convicções e isto afeta múltiplas percepções sobre determinado conteúdo.

Neste contexto, Maffesoli (2007) acredita que o imaginário social está ligado ao inconsciente e a uma realidade múltipla e objetiva que se materializa em formas como a publicidade, a dança e em geral a tudo o que é construído por várias ações coletivas e o sentimento coletivo tem como base certa sensibilidade que nos permite criar laços de identificação com o outro. A TV por sua vez é um meio de propagação e criação deste imaginário.

Entendendo que uma vez que uma reportagem vai ao ar, ela é assistida por muitas pessoas que podem tomar o que é colocado como uma verdade ou não. Por isto,

---

quando a imprensa enfoca um tema, cabe ao profissional e a emissora em ter responsabilidade na forma como a mensagem é transmitida, pois depois de divulgada, há impressões que permanecem.

### **Um estudo de caso do paraná no ar: a invisibilidade e o reforço do estigma**

No ar há quase 8 anos, no canal da Ric TV que é filiada à Rede Record, o Paraná no Ar tem uma hora e meia de duração e segundo dados do Ibope, a audiência do programa conta com em média 42.075 telespectadores, o que faz com que o telejornal seja um dos líderes de audiência da emissora, estando acima do Balanço Geral 1ª edição que conta com uma estimativa de 20.806 receptores.

A Rede Record é conhecida nacionalmente e a parceria com a RIC começou após 8 anos de funcionamento da emissora que está há quase 30 anos em vigor. A estrutura de montagem do telejornal varia conforme o dia, mas em geral há uma divisão de 4 blocos, que contam com a presença de formatos como: *Stand-up*, nota pelada, nota coberta, quadros de opinião, entrevistas e reportagens<sup>11</sup>.

Entre julho de 2015 e julho de 2016, foram encontrados 34 conteúdos que abordaram a saúde mental. Apenas 3 trataram especificamente da bipolaridade.<sup>12</sup> Foram pesquisadas palavras-chaves como saúde mental, psiquiatria, transtorno psiquiátrico, transtorno mental, transtorno bipolar, bipolaridade, mente, saúde, psicólogo, psiquiatra e distúrbio.

A Depressão é a doença mais retratada tanto nas reportagens quanto nas entrevistas em estúdios, pois dos 29 conteúdos, 7 fazem alguma referência à doença. Outro ponto de destaque é a questão do bem-estar que fica clara em matérias de estilo de vida e como isso influencia a mente. O Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade também é citado em dois momentos. A Distímia (um tipo de depressão) aparece em um material.

---

<sup>11</sup> Em Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV, Barbeiro e Lima (2002) abordam os termos acima. Cabe destacar alguns. Stand up: Momento em que o repórter está no local do acontecimento para transmitir determinada informação sem necessariamente uma imagem do fato. O recurso é bastante usado quando a notícia a ser dada é importante naquele momento/ Nota pelada ou nota seca: Neste formato, o apresentador fala sobre o tema sem nenhuma imagem/ ou entrevistado. / Nota coberta: Diferentemente da nota pelada, o apresentador fala sobre o assunto que é coberto de imagens. Pode ser feita ao vivo ou gravada

<sup>12</sup> A emissora forneceu os materiais para a pesquisa e os mesmos estão disponíveis no site <http://pr.ricmais.com.br/parana-no-ar/>. Apesar da pesquisa original conter a tabela com todos os conteúdos, cabe aqui destacar os que estão ligados ao Transtorno Bipolar.

Já o Transtorno Afetivo Bipolar, ganha visibilidade em apenas três sendo estes: no dia 30 de março de 2016 com uma entrevista em estúdio que Discutee o Dia Mundial da Bipolaridade; no dia 21 de janeiro de 2016 com a reportagem “Conheça a nova técnica que trata distúrbios mentais” e no dia 27 de julh de 2016, na entrevista em estúdio “Psicóloga explica como tartar depressão”.

Quanto à forma em que o conteúdo é apresentado, percebe-se que as entrevistas em estúdio com a presença de especialistas são mais valorizadas que as reportagens. Em alguns casos, aborda-se a temática com o especialista (na maioria das vezes, um psicólogo) e com o mesmo tema faz-se uma reportagem, relacionando um conteúdo a outro.

Para se estabelecer os critérios de análise, considerou-se alguns aspectos como: tempo da reportagem, presença de personagens, efeitos visuais e sonoros e uso de termos opinativos/apelativos. As referências para essa construção são baseadas metodologia de categorizações abordadas por Bauer (2003). A frente, a tabela dos critérios para a análise de conteúdo.

**Características encontradas em cada material de acordo com a categorização criadas**

Conteúdo	Recursos visuais / sonoros	Fontes médicas	Familiar/pessoa com diagnóstico	Expressões opinativas/ exploração da emoção
1	Repetição de imagens;	Neuropsicóloga	Não há*	“Até mesmo bipolaridade” - Descontextualização
2	Aproximação da câmera e ajuste do plano de enquadramento  Cortes de edição;	Psiquiatra	1 pessoa com diagnóstico	“Até que ponto o sono influencia a bipolaridade”  “A gente vê essas variações de humor nos jovens, isso pode ser associado à bipolaridade?” “Paz interior”.
3	Não há	Psicóloga	Não há	Não há

\*Não há nenhum familiar e nenhuma pessoa com bipolaridade, mas há uma mãe que fala de outro transtorno;

Fonte: Oliveira, 2016.

A tabela abaixo traz outras informações sobre os conteúdos analisados no contexto das categorias criadas.

**Conteúdos encontrados sobre o Transtorno Bipolar**

Conteúdo	Data	Contexto / Título/ Chamada	Formato	Tempo	Fonte
1	26/01/16	“Conheça nova técnica que trata distúrbios mentais”. *	Reportagem	2m08s	<a href="http://bit.ly/2f2DBCI">http://bit.ly/2f2DBCI</a>
2	30/03/16	“Bipolaridade é uma doença sem cura, afirma especialista”.	Entrevista em estúdio	6m40s	<a href="http://bit.ly/2esDcKp">http://bit.ly/2esDcKp</a>
3	21/07/16	“Psicóloga explica como tratar depressão”. **	Entrevista em estúdio	7m16s	<a href="http://bit.ly/2dY6Amo">http://bit.ly/2dY6Amo</a>

\*A bipolaridade foi citada no contexto da reportagem;  
\*\* A psicóloga falou da bipolaridade no contexto da depressão;

Fonte: Oliveira, 2016

No primeiro conteúdo, o que chama atenção de início é o título da reportagem: “Conheça a nova técnica que trata distúrbios mentais”. Antes da exibição, o apresentador Guilherme Rivarolli contextualiza o quanto transtornos mentais atingem a população e em seguida dá uma breve introdução do que é a técnica “Neurofeedback”. A seguir o texto de abertura na íntegra:

Aproximadamente 20% das pessoas podem apresentar ao longo da vida algum transtorno mental. // O uso de medicação controlada é utilizado na maior parte destes casos, para tentar curar ou então tratar as pessoas//, porém, tá se tornando conhecida uma tecnologia bem avançada que mapeia as ondas cerebrais sem o uso de remédio e que pode ser aplicada em diversas doenças como a depressão e até mesmo bipolaridade// chama-se neurofeedback, a gente mostra agora, “põe no a” (PARANÁ NO AR, trecho retirado de reportagem, 2016<sup>13</sup>)

A reportagem ganha vida ao longo de 1 minuto e 28 segundos. Ao todo, são ouvidos 3 personagens: uma criança com diagnóstico de hiperatividade, a mãe desta criança e uma neuropsicóloga. No início, a imagem da criança em uma sessão do tratamento é destaque e no texto do repórter, o caso menino tratado como que uma ‘jornada de herói’<sup>14</sup>, pois são usadas expressões como “um garotinho em transformação” e a “parafernália” (referência a técnica neurofeedback) transformou a vida dele e da mãe. A neuropsicóloga fala que o paciente chega ao consultório com um diagnóstico que “pode ser depressão, pode ser ansiedade” e a partir dali a técnica ajuda o paciente a “reorganizar o cérebro” de forma que ele melhore.

Em nenhum momento a reportagem situa a relação do Transtorno Bipolar com a técnica apresentada. Além disso, é evidente a falta de informações sobre esta técnica que o repórter admite que “é pouco conhecida no Brasil” e apesar de se colocar o tratamento como uma “alternativa a remédios psicotrópicos”, não se ouve nenhum psiquiatra ou especialista para explicar o porquê.

O título não condiz com as informações apresentadas e por fim, o potencial do assunto é resumido à uma ‘venda de esperanças’, como pontua Tabakman (2013) sobre algo em que não há nenhuma certeza, o que acaba deixando o Transtorno Bipolar descontextualizado em meio à reportagem.

---

<sup>13</sup> O texto foi transcrito a partir do conteúdo “Conheça a nova técnica que trata distúrbios mentais”, disponível nas referências deste paper e no link: <<http://bit.ly/2f2DBCl>>. Acesso: julho de 2016.

<sup>14</sup> Termo cunhado por Joseph Campbell na obra “O Herói de Mil Faces” (1949) e adaptado para o jornalismo no final dos anos 1990 pelo pesquisador e jornalista Edvaldo Pereira Lima em uma tese de doutorado defendida em 2002 pelo Núcleo de Epistemologia da Escola de Comunicação e Artes da USP, que defende que a jornada do herói pode ser potencializada no jornalismo em 12 passos nos quais o personagem começa resolvendo conflitos, passa por fases complexas e supera determinada situação.

O segundo conteúdo se refere ao Dia de Conscientização da Bipolaridade. Em 6 minutos e 40 segundos, o apresentador conversa com um psiquiatra sobre a doença. Em certo momento, a conversa é interrompida e uma personagem que tem o diagnóstico é entrevistada.

Os destaques da entrevista em estúdio são as questões generalistas colocadas pelo apresentador, quando por exemplo, o psiquiatra fala sobre como é o sono na vida de quem enfrenta a doença e o entrevistador questiona: *“Até que ponto o sono influencia a bipolaridade? Por exemplo, se a pessoa acorda as 4h da manhã e tem dias que ela fica muito nervosa e tal”*.<sup>15</sup> A partir desta questão é possível que o telespectador tenha uma interpretação menos profunda do problema (sobretudo os que acordam cedo), pois pode-se acreditar que dormir pouco ou acordar cedo é um fator que desencadeia a doença, quando um diagnóstico avalia uma série de fatores.

Outro ponto colocado pelo especialista são os sintomas do transtorno. Ele fala da questão da euforia, dos sintomas de depressão e dos casos extremos (mania) e não há tempo para explicar os diferentes tipos da doença. Em seguida, o apresentador aproveita o gancho dos sintomas para relacionar a doença ao comportamento dos jovens, com a seguinte questão *“A gente vê essas variações de humor nos jovens, isso pode ser associado à bipolaridade”*?<sup>16</sup> O debate é raso.

Em relação à personagem entrevistada, observa-se que o tempo dado a ela é de 1 minuto e 14 segundos (entre os 2m12s e 3m26s). A jovem é identificada e não se usa nenhum recurso para esconder seu rosto. Durante a entrevista, ela relata como foi diagnosticada, fala das crises de depressão, do tempo em que ficou internada em uma instituição psiquiátrica e como convive com o problema atualmente.

A exposição física e emocional da entrevistada é evidente. Contudo, o consentimento de imagem e de voz torna positivo o depoimento, pois caso não houvesse o relato, os telespectadores iriam ter apenas a referência de um médico-psiquiatra e de um apresentador.

O terceiro conteúdo traz uma psicóloga que aborda o tratamento da depressão. Ao explicar os sintomas da doença, a especialista fala que as pessoas confundem alguns sintomas da depressão com a bipolaridade, geralmente quando se fala em alterações bruscas de humor e que por este motivo o transtorno acaba banalizado. Não há nenhum aprofundamento sobre o Transtorno Bipolar.

<sup>15</sup> Fragmento de texto transcrito o conteúdo “Bipolaridade é uma doença sem cura, afirma especialista” que consta nas referências do paper e está disponível em < <http://bit.ly/2esDcKp>>. Acesso: julho de 2016

<sup>16</sup>Idem.

Considerando as entrevistas em estúdio e as reportagens (formatos em que prevaleceram os assuntos de saúde mental) e que em média, há duas entrevistas em estúdio e oito reportagens diárias, tem-se o total de dez conteúdos veiculados por telejornal com potencial para tratar de saúde mental.

Em 1 ano, o telejornal foi ao ar 279 vezes, sendo que a contagem considera a veiculação de segunda à sexta-feira. Neste período, foram produzidos aproximadamente 2,8 mil conteúdos (entrevistas e reportagens). Em seis ocasiões, foi constatado a repetição de temas de saúde mental. Sendo assim, o espaço cedido ao tema dentro do Paraná no Ar corresponde a 1,21% da programação.<sup>17</sup>

Quando o foco é o Transtorno Bipolar, essa porcentagem corresponde à 0,1% da programação. Considerando estes aspectos, cabe reforçar: nem a saúde mental e nem o transtorno bipolar são assuntos relevantes do ponto de vista editorial do Paraná no Ar. Para complementar a análise de conteúdo houve a realização do grupo focal e os resultados serão abordados a frente.

### **Grupo focal como opção metodológica**

Bauer e Gaskell (2003) concordam que a pesquisa qualitativa é uma boa metodologia para ampliar resultados, e nisto se encaixa a opção do grupo focal, que foi uma opção para se aproximar das pessoas envolvidas na temática da pesquisa. No campo das Ciências Sociais Aplicadas, o método tem se tornado tendência. Silva (2009), por exemplo realizou um grupo focal entender o motivo pelo qual os leitores de uma revista especializada em temas rurais consumiam aquele produto.

Neste projeto, a escolha dos participantes envolve familiares de pessoas com transtorno bipolar e pessoas que têm o diagnóstico. A seleção das pessoas que possuem o diagnóstico por sua vez levou em conta a livre escolha da pessoa e sua disposição em falar sobre o assunto.

Outro aspecto considerado foi a predominância do transtorno em relação aos gêneros. Como um diagnóstico pode levar anos e não há tanta precisão em relação aos tipos da doença até que um lado se manifeste mais do que outro, Arnold (2003) afirma

---

<sup>17</sup> O cálculo foi feito com base nos dados analisados pela autora, a emissora não forneceu a quantidade exata de materiais produzidos, já que a quantidade é variável.

que os dados são inconclusivos, porém, em geral o Transtorno Bipolar é diagnosticado mais tarde em mulheres, o que pode influenciar maior proporção.

Foram selecionados para o grupo focal, 5 familiares e 5 pessoas com o diagnóstico de Transtorno Bipolar, porém 2 familiares faltaram. A tabela abaixo demonstra os dados dos participantes, baseados em faixas etárias diferentes, dois grupos (familiares e pessoas com o diagnóstico) e diversidade de gênero.

#### Amostragem do grupo focal

Condição	Sexo	Faixa etária
Familiar 1	F	40 a 60 anos
Familiar 2	F	20 a 30 anos
Familiar 3	M	20 a 30 anos
Pessoa com Tb 1	F	30 a 40 anos
Pessoa com Tb 2	M	20 a 30 anos
Pessoa com Tb 3	F	40 a 60 anos
Pessoa com Tb 4	F	40 a 60 anos
Pessoa com Tb 5	M	30 a 40 anos

Fonte: Oliveira, 2016.

A metodologia foi aplicada em uma sala lúdica do Laboratório de Comunicação Social da PUCPR. Os recursos foram a aplicação de um questionário, a exibição de uma reportagem do Paraná no Ar e um momento de troca de experiências.

O questionário teve 2 divisões, sendo que a primeira parte foi composta por 4 questões e os participantes a responderam antes da exibição da reportagem. Após os participantes terem assistido ao vídeo, foram aplicadas as 6 questões restantes. Em seguida houve uma interação entre todos, durante 40 minutos.<sup>18</sup> A metodologia foi realizada com a autorização do Comitê de Ética da PUCPR, vinculado à Plataforma Brasil, com o parecer de número 1.694.534.31.<sup>19</sup>

Dos 8 entrevistados, verificou-se que 75% já assistiram ao Paraná no Ar pelo menos alguma vez. Além disso 62% escolheram a televisão como principal meio para a busca de informação. Em relação à cobertura sobre bipolaridade, 62% dos participantes responderam não se lembrar de nenhuma matéria exibida e a mesma porcentagem indicou que a cobertura jornalística pode melhorar, neste sentido, trazendo mais informações científicas sobre a doença e mais diversidade nas pessoas ouvidas.

Na segunda parte do questionário, os participantes responderam questões sobre a doença e a convivência com os familiares. Também foram questionados as impressões

<sup>18</sup> Os diálogos foram registrados com um gravador de áudio e todos os dados foram coletados mediante autorização assinada pelos participantes em conformidade com o Comitê de Ética.

<sup>19</sup> Disponível para busca em:

<<http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf;jsessionid=C3FA85EC6BFF97EB763D079DD87FA246.se.rver-plataformabrasil-srvjpdf131>. >

sobre a reportagem exibida e o comportamento da mídia. Em geral, todos acharam positivo o fato da emissora ter realizado a reportagem. No entanto, pontos como a ausência de familiares como fontes, edição nas falas da personagem, falta de informação científica e tempo reduzido para o especialista explicar a doença foram apontados como necessários para que a cobertura do tema fosse melhor.

A contribuição da participante Monika<sup>20</sup> ajudou a ampliar as discussões da recepção dos presentes sobre a reportagem do Paraná no Ar.

Fiquei um pouco decepcionada pela quantidade de cortes, o que levou a exibição para um lado diferente do que eu pretendia quando aceitei participar e me expor: quis passar a imagem do quanto estou melhor com o tratamento correto, hobbies, a importância disso bem como o apoio dos familiares, companheiros, colegas, amigos... isso não foi retratado. (MONIKA, participante do grupo focal, relato 2016).

Sobre os sentimentos, Monika complementou que a importância de não se associar a doença à uma condição somente emocional, pois segundo ela, isso banaliza o transtorno que tem uma explicação científica e pode reforçar uma imagem equivocada para as outras pessoas.

Outro ponto levantado por ela é a falta de compreensão da família e dentro da discussão: “Se você quebrar o teu pé e tentar explicar a sua dor, eu não vou entender porque não está em mim. A família da Lara faz de conta que a doença não existe. Aposto que se ela passasse por um câncer, todos iriam fazer peruca e estar ao lado dela”, (MONIKA, participante do grupo focal, relato 2016).

Os resultados da análise de conteúdo e do grupo focal se complementam e levam a reflexão de como ainda há desafios em se falar sobre saúde mental para que as pessoas se conscientizem sobre a temática de forma que as informações não sejam generalistas.

### **Considerações finais**

Considerando o imaginário social como uma construção de realidade coletiva e a imprensa sendo uma protagonista nesta articulação, o fato do telejornal não tratar o Transtorno Bipolar como deveria e as pessoas afetadas por esta questão não se sentirem representadas traz uma série de consequências negativas. São elas: a banalização do transtorno, a desinformação, a perpetuação do estigma sobre as pessoas que convivem com o problema, e até mesmo a falta de debate político e social em torno desta causa.

---

<sup>20</sup> Personagem entrevistada na reportagem sobre o Dia Mundial do Transtorno Bipolar, exibida na atividade.

Turcke (2010) afirma que as pessoas se acostumam tanto com os estímulos e com o bombardeio de informações, que quando não se toca em uma determinada situação, é comum que elas percam a sensibilidade para o que não é visível. Sendo assim, quando os veículos deixam de abordar assuntos relevantes, há um desserviço à população, pois os segmentos que não são representados, infelizmente são esquecidos.

Entende-se que o jornalismo é fruto do trabalho em equipe e que não é possível generalizar todos os profissionais. Há, ainda, contratempos na profissão como a rotina de produção, os índices de audiência em televisão e demissões em massa (o que atrapalha a distribuição de funções e a cobertura ampla) como a noticiada pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraná (Sindijor-PR) em julho deste 2016, época em que a RIC dispensou 30 profissionais de uma única vez,<sup>21</sup> também influenciam na cobertura jornalística.

Como toda pesquisa acadêmica, ainda é possível aperfeiçoar metodologias, mas a princípio, os objetivos foram alcançados. O conceito do termo transtorno bipolar é plural. Quando se aborda saúde, a referência é a doença crônica, porém, o que se propaga na mídia na maior parte do tempo são fatores emocionais com a ausência de explicações científicas e que permitam entender a complexidade do transtorno.

Em relação à ética do jornalismo, o que se encontra é um alerta para os profissionais que podem refletir sobre como melhorar as abordagens jornalísticas. Algumas medidas podem ajudar, como: ter sensibilidade e respeito ao entrevistado enquanto pessoa ao questionar alguma coisa, evitar generalizações e buscar dar voz a quem muitas vezes não é ouvido, entre outros cuidados.

Por fim, acredita-se que os médicos-psiquiatras também podem refletir sobre as possibilidades de atuar em conjunto com os jornalistas e uma opção para amenizar o problema seria o incentivo à formação complementar dos jornalistas bem como a promoção, participação e parcerias entre redes de comunicação e congressos de saúde, workshops de jornalismo científico e outros recursos que possam contribuir para que as duas classes atuem com uma percepção holística diante deste e de outros temas.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <http://sindijorpr.org.br/noticias/6761/ric-tv-demite-mais-jornalistas-e-amplia-inseguranca-nas-redacoes>>. Acesso em: 25 de outubro de 2016.

## Referências

- ABP, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Manual para a imprensa:** boas práticas de comunicação e guia com recomendações para um texto claro e esclarecedor sobre doenças mentais e psiquiatria. Rio de Janeiro: ABP, 2009.
- ARNOLD, L.M. **Bender differences in bipolar disorder.** Psychiatrclin, Worth na, 2003. P. 595-620.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BUCCI, Eugênio & KEHL, Maria Rita. **Videologias – ensaios sobre televisão.** São Paulo: Boitempo, 2004.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo.** São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- CORDIOLI, Aristides Volpato; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM - 5.** Porto Alegre: Artmed, 2014.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2010. p. 123-139.
- JOLY, Martine. **A imagem e sua interpretação.** Lisboa: Edições 70, 2003.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** 2ª Ed. São Paulo: Senac, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida:** variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- PARANÁ NO AR. **Bipolaridade é uma doença sem cura, afirma especialista.** Rede Independência de Comunicação. Curitiba. Disponível em: < <http://bit.ly/2esDcKp>>. Acesso: julho de 2016.
- PARANÁ NO AR. **Conheça a nova técnica que trata distúrbios mentais. Rede Independência de Comunicação.** Curitiba. Disponível em: < <http://bit.ly/2f2DBCI>>. Acesso: julho de 2016
- PARANÁ NO AR. **Psicóloga explica como tratar depressão. Rede Independência de Comunicação.** Curitiba. Disponível em: < <http://bit.ly/2dY6Amo>>. Acesso: julho de 2016.
- SILVA, Gislene. **O sonho da casa no campo:** jornalismo e imaginário de leitores urbanos. 1ª Ed – Florianópolis: Insular, 2009
- TABAKMAN, ROXANA . **A Saúde na Mídia:** Medicina para jornalistas, jornalismo para médicos. 1ª Ed – São Paulo: SUMMUS EDITORAL, 2013.
- THOMPSON, John. Tradução de Wagner de O. Brandão. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** 3ª ed. Rio de Janeiro: vozes, 2001.
- TUNG, Teng Chei. **Enigma Bipolar:** Conseqüências, diagnóstico e tratamento do transtorno bipolar. São Paulo: Mg Editores, 2007.
- TÜRCKE Christoph. **Sociedade excitada:** filosofia da sensação. Campinas: Unicamp; 2010. Yin,
- YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos I Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi-2.ed.- Porto Alegre: Bookman, 2001.